3. “Pode o subalterno falar?”

O hábito alimentar pode forjar uma sociabilidade ligada a um sentimento difuso, lugar de referência simbólica de experiência afetiva e de memória de um grupo no seu cotidiano rendido à mais-valia, o valor do trabalho assegurado no significado do corpo, marcado na ideia de produção de sentido, características estampadas nas dores dos moradores dos subúrbios assentados na subalternidade⁴ uma estratificação social instalada nos modos de produção material. Os participantes produzem os meios necessários para a sustentação material dependentes do desenvolvimento das forças produtivas (trabalho), elucidados nas formas das relações de produção servida à luta de classes, relacionada às relações desiguais, estruturadas e hierarquizadas. Em Marx, a luta de classes é o que faz a história se mover, a virtude das condições da existência organizada no rumo de quem compra e daquele que só possui sua força de trabalho e a vende para sobreviver.

O trabalho humano é a ação dirigida à transformação da realidade em que se vive. Na exploração ao trabalho no contexto do capitalismo, verificou-se uma série de conflitos: de um lado a indústria, o comércio e as finanças; de outro, os trabalhadores das cidades e dos campos. No Brasil, os estudos sobre classe, em Florestan Fernandes (1965), localizam o negro integrado tardiamente e de forma subalternizada à sociedade de classe, refém à resistência das classes dominantes, da nova ordem competitiva propagada no preconceito⁵ de cor. A sociedade brasileira conservou-se na exploração de atividade agrícola, na monocultura baseada no cultivo de um único gênero destinado ao mercado externo, à exploração do trabalho rural para a sociedade industrial.

Na proposta de percorrer os caminhos para alcançar determinados fins, caracterizava-se a noção do racionalismo, os princípios lógicos norteadores da versão do conhecimento verdadeiro, o espírito aceito universalmente do mundo

⁴ A subalternidade descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas, pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, da possibilidade de se tornarem membros pelos no estrato social dominante”. (“Pode o Subalterno Falar?”, SPIVAK, 2010: 12).

⁵ Preconceito definido como um conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes. (Ellis Cashmore, 2000: 438).

industrial gerador de ameaça ao processo de expressão humana. Surge então, o romantismo, individualizado na valorização das paixões, exacerbado na subjetividade, limitado às representações elaboradas pelo sujeito pensante, sendo possível alcançar a objetividade. Esse sujeito é atravessado na relação entre indivíduo e sociedade resistente à racionalização tecnológica.

A modernidade sobrevivida do racionalismo une-se à hegemonização de uma ideologia individual tributária dos valores, das liberdades ou da igualdade problematizados na forma de organização constituída nos atributos sociais revelados na relação sujeito-objeto. Nesse cenário, o Brasil do século XIX deriva da escravidão, da desigualdade racial e social comprometida com o progresso. Esse escravo inscrito na categoria social violentado no corpo, dimensionado na angústia, alijado da ordem de um discurso, inspirado em códigos racistas conduzidos por posições hierarquizadas de uma elite branca, católica, que nega ao longo da história o reconhecimento da igualdade racial e social dos negros, das mulheres e os situa na condição de subalterno.

Em uma atitude na Antropologia conhecida por etnocentrismo, a preocupação de Claude Lévi Strauss (2006) no texto *Raça e História* é discutir essa categoria implicada à existência de desigualdade entre os povos, à suposição de uma hierarquização prevista por um argumento evolucionista que nega o trajeto de povos diferentes em seus aspectos físicos e psicológicos. Em outra instância, a diferença relacionada ao hábito alimentar faz referência aos aspectos do comportamento associados às práticas culturais.

”Pode o Subalterno Falar?” é a pergunta trazida no livro da escritora indiana Gayatri Chayatri Spivak (2010), implicada à rediscussão da representação do sujeito, denominado no Terceiro Mundo, na conjuntura do discurso ocidental (-izado). Nessa relação, ao subalterno são aplicadas as questões da representação política e social, relaciona-se com a experiência da opressão, a invisibilidade diante dos interesses hegemônicos direcionados a determinados grupos sociais.

Na definição de um conceito, a expansão de sentidos sugere um sistema de signos arbitrários, uma prática nas relações de poder construídas na realidade social que no cotidiano possam dar voz aos grupos determinados a conjuntura de

opressão em um cenário de resistência. Em (SPIVAK, 2010: 14), uma aquisição de um caráter dialógico na fala, criação de espaço onde o subalterno possa ser ouvido no reconhecimento que torne real suas aspirações e a sua história não seja negada.

O enfoque adotado à reconstrução do real dirige-se a uma causa, em José de Souza Martins (2012), um espaço da modernidade na convivência dos pobres migrados para a cidade ⁶ lugar urbanizado de uma complexa rede de relações econômicas e sociais que coloca em confronto não só os proprietários, de um lado, mas também a massa de assalariados da população reconhecida nos negros, genericamente chamados de os pobres, regidos pela necessidade de sobrevivência, arremessados ao mundo da ciência à inferioridade refletida na ausência no processo social da história.

3.1.

Como as camadas de baixa renda podem falar?

São os participantes de uma forma de sociabilidade na dinâmica das relações, situados no contexto da ritualização no preparo do alimento revelado na eliminação da fantasia nos múltiplos interesses coligados a um conjunto de regras não enunciadas e conferidas a um grupo social. Bourdieu (1990) desenvolveu o conceito de violência simbólica, identificou formas culturais impostas e aceitas como normais. Dessa ideia é determinada a naturalização da história, condição dada aos fatos sociais. Como utilizar um discurso científico? Como as camadas mais pobres podem falar?

Os pobres sem a cor da cidade costuram os retalhos da memória, associam-se aos símbolos; é o ato ou efeito de sentir a negação na distinção da voz, regulada nas objetivações culturais, no registro das práticas sociais expressas nas relações de troca, trazidas nas recordações de Maria Luísa, do Mercadão de Madureira, onde a compra da galinha faz parte de uma paisagem das empresas interessadas na lucratividade, nas demandas vindas dos interesses econômicos e

⁶ A Sociabilidade do homem simples. José de Souza Martins Cotidiano e História na modernidade anômala. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

políticos, atuantes na oferta daquilo que se come, via de acesso e de adequação do grupo à organização da cidade. São famílias de trabalhadoras, de mulheres negras, moradoras dos lugares na cidade onde se desaparece socialmente.

O hábito alimentar revela o dia a dia dos entrevistados. Era perguntado aos moradores do subúrbio, mulheres e homens negros, se comiam galinha nos domingos. As pessoas se surpreendiam com a pergunta. Abriam os olhos para um tempo. As avós, as mães, mulheres mais velhas, matavam a ave, transformavam-na em alimento. As lembranças se detinham nas sociabilidades da época; nos perus nas ceias de natais passados, os porcos, o pernil na passagem do ano. A morte do animal se abria a um recomeço, perseguia um tempo sem porta-voz.

Em *A infância em Berlim (por volta de 1900)*, Walter Benjamin (1993) oferece uma colagem a partir dos fragmentos contidos em um olhar, tocar, saborear, sentir e agir de um tempo de infância, quando cada lugar pertence a uma sensação, cada experiência em seu sentido prático no cotidiano designa uma memória. O autor constrói uma história em Berlim por volta de 1900, atualiza a memória e se permite repensar a história.

A pesquisa se amplia no campo da observação. As moradias dos anos sessenta prendiam-se aos terrenos na criação de galinha, pato ou porco, uma espécie de edição de um espaço rural. Em alguns domingos, compareci à residência dos entrevistados cercados pelos populares conjuntos habitacionais, muitos com suas fachadas pichadas, envolvidas na linguagem do grafite, na relação dizer e compreender. Levantando a hipótese de uma dinâmica familiar, algumas residências dos grupos populares eram distribuídas em três ou quatro casas ao longo do quintal, entrelaçadas às condições materiais e às relações de ajuda mútua.

O almoço de domingo era preparado no lar, a cozinha era o espaço reservado ao feminino. Depois da comida pronta, as porções vinham arrumadas nas travessas, colocadas à mesa situada no centro da sala e servidas em família. As práticas culturais no cotidiano se relacionam com o alimento e discutem uma modernização. Algumas famílias aos domingos optam pelo churrasco realizado na churrasqueira localizada na parte externa do prédio, no quintal da casa ou na laje.

A figura masculina coordena as atividades, é o churrasqueiro, o marido que passa o dia às voltas com o tempero das carnes de boi, com os gostos e sabores, exibindo habilidades culinárias aos parentes e aos vizinhos mais chegados. Um pouco distante da churrasqueira, a mesa deve ser arrumada antes da chegada dos convidados com as porções de arroz, maionese, farofa e o molho à campanha. Em uma ponta da mesa posicionam-se os pratos empilhados, e os talheres também são arrumados. Cada um faz o seu prato, e o churrasqueiro o complementa ao oferecer asa, coração, linguíça ou uma variedade de carnes bem ou mal-passadas já cortadas, escolhidas ou sugeridas aos convidados. A família, no texto *A Família na Ordem do Simbólico*:

(..) e algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será, por eles, reproduzida e re-significada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família. Vista como uma realidade que se constitui pela linguagem, socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, a família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro (SARTI, 2004:13).

Em outras casas, o prato principal é uma rabada com agrião, o almoço aproxima diferentes gerações (filhas, genros, netos, sobrinhos, parentes colaterais e agregados), já que, principalmente as mulheres negras, permanecem no trabalho durante a semana como acompanhantes, são empregadas domésticas ou babás e só voltam para casa às sextas-feiras ao anoitecer. Segundo Sarti (2004), a família se constitui na definição do discurso sobre si própria, na história contada por si mesma em distintos lugares relacionada às referências culturais e sociais. Outro prato servido nas casas dessas mulheres é a dobradinha ou o mocotó regado com uma cervejinha, um cozido, uma roda de samba ou um possível pagode com a música ou o ritmo do momento.

Um ponto em comum entre uma conversa e outra sobre o almoço de domingo era o comércio local. Não se cria mais galinha em casa, e não se compra a ave nos aviários, nem nos abatedouros ou no comércio varejista próximo às próprias residências. Mais adiante, a conversa ia e voltava do passado como uma forma de assegurar o que se viveu e sentir a vida no presente. Assim sem incômodos, rememoram-se as brincadeiras de rua, as festas religiosas na presença da canjica, do cuscuz de tapioca servido no café da manhã, o manjar e o bolo de

fubá. Havia um olhar atento à galinha no almoço especial de domingo, uma paisagem multifacetada das realidades, avistada no comércio varejista no arranjo do moderno Mercadão de Madureira, uma forma de viver consolidada nos laços sociais disponibilizados no espaço específico de concentração na compra da galinha viva no lugar de amplo consumo. Em (TUAN, 1983: 83 -151), um lugar na medida em que adquire definição e significado.

No livro *A interpretação das Culturas*, o texto Descrição Densa: Por uma teoria interpretativa da cultura, Geertz (2012) acredita, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu, assume a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. Nessa perspectiva, a metodologia adotada se move nas possíveis vozes dos sujeitos de reféns das referências de antigos gostos e sabores da organização de um tempo ritualizado na comida incorporado na construção de sentido. Essa versão deverá ser encontrada ou não na pesquisa de campo.

* * *

O trabalho é composto de três partes; a introdução se ampara na perplexidade decorrente do conhecimento revelado no método científico. Depois de idas e vindas, anunciava-se a possibilidade de abordar o tema frente a uma visão do contexto narrativo que permita a adoção de um ponto de vista interpretativo. Nesse particular, foi introduzida a presença do “Mercadão de Madureira” como forma de organização da cidade; o alimento se oferece à construção de organização das relações sociais.

Procurou-se evidenciar a importância do conhecimento abrangente na compreensão do conteúdo sensível, assinalando o processo abstrato e o concreto revelado na riqueza da diversidade. Destacou-se a alimentação de um grupo de moradores do subúrbio pesquisado a partir do conceito de subalternidade e resistência a partir de Spivak, (2010), em seu livro *Pode o subalterno falar?*

Assinalou-se a importância do trabalho etnográfico realizado no Mercadão de Madureira passagem no processo de modernização composto na

escolha e na circulação dos alimentos e das relações estabelecidas vinculadas às práticas cotidianas.

Realço a importância da alimentação especial no dia de domingo, agregada à ritualização, ao preparo da comida, o que permite localizar o alimento no sistema cultural revelado na experiência do cotidiano. Procuo flagrar a importância da mulher na organização e manutenção do hábito alimentar, e os elementos formalmente diversos são convergidos para o tema como em particular a cidade e a noção de subúrbio, fortemente, marcada em seu contorno pelos rumos tomados pela segregação socioespacial.

Para tanto, convoco os moradores do subúrbio dos anos sessenta aos anos oitenta, na possibilidade de integração à fala, ao pensamento, à aprendizagem, na compreensão da sociedade como sobreviventes de uma forma de sociabilidade decorrentes das variações alimentares enredadas na desigualdade e na diferença vigente na cultura. Mais adiante, localizo a importância da natureza e cultura examinada como forma de interação, entregue à linguagem, elaborada na presença dos mitos na passagem do alimento para comida a partir de Lévi-Strauss (2011).

Segundo a incorporação de um hábito alimentar ao domingo, dia especial de comer galinha nas camadas rurais e nas camadas urbanas voltadas para o consumo de cereais, já que a carne, para (MONTANARI, 2008:175), se apresentava como produto de elite, permanecendo assim até os séculos XIX e XX.

Com a intenção de qualificar um modo de produção de sentido, o tema alimentação carece de uma identidade destinada ao cenário teórico permitido nos estudos acadêmicos das diferentes áreas. Obedecendo ao plano dos devidos consentimentos, proponho a presença de Câmara Cascudo (2003) nas relações históricas e políticas presentes no hábito alimentar como registro dirigido a uma realidade presente. Norbert Elias (2001) e Freud (1996, 1997) aplicam uma realidade alimentar à fome e ao amor na busca pela satisfação. Em Garcia Roza, (1986) a repetição forja uma identidade capaz de promover mudança.

Em Bourdieu (1996), a concepção explicativa do concreto abrigado ao campo simbólico na presença dos entrevistados. Examinado a importância da

memória, da história oral, do espaço urbano, trago o grupo pesquisado e termino com as vozes dos entrevistados traduzidas no esforço de imprimir a palavra como recomeço de um novo gesto.